

## LÉXICO E SEMÂNTICA

### DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO ABORDAGENS E REFLEXÕES ACERCA DOS EFEITOS DE SENTIDO

*Gabriela do Couto Baroni* (Ufes)

*Ione Aires Santos* (Ufes)

[ioneairesp@bol.com.br](mailto:ioneairesp@bol.com.br)

*Josiane da Silva Souza* (Ufes)

[josiane.svieira@yahoo.com.br](mailto:josiane.svieira@yahoo.com.br)

**Chega mais perto e contempla as palavras  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te perguntas, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível que lhe deres:  
Trouxeste a chave?**

(Carlos Drummond de Andrade)

Em *Elementos de Semiologia* (1996), editado inicialmente em 1964, Roland Barthes considera a denotação e a conotação como dois sistemas de significação imbricados um no outro. O autor salienta que o primeiro sistema, que consiste na denotação, é formado pela relação existente entre um plano de expressão e um plano de conteúdo. A conotação, por sua vez, resulta da relação existente entre o primeiro sistema de significação e um novo plano de conteúdo, dando origem ao segundo sistema.

Joaquim Mattoso Câmara Júnior, em seu *Dicionário de Filologia e Gramática referente à Língua Portuguesa* (1968, p. 111-112), afirma que a denotação é “a parte da significação que diz respeito, na linguagem, à representação compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior”. Assim, a denotação se distingue da conotação e com ela se combina a fim de conferir a significação integral da forma. Já a conotação é a [...] parte do sentido de uma palavra que não corresponde à significação *stricto sensu*, ou seja, ao valor representativo como símbolo de um elemento do mundo biossocial, mas corresponde à capacidade da palavra de funcionar para uma manifestação psíquica ou apelo.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Notamos que, para ambos os autores, não há como trabalhar a conotação sem a denotação, pois não existe uma dicotomia que separe esses dois planos de significação. Câmara Jr. (1968) afirma, ainda, a necessidade da existência de um contexto para que se possa precisar o sentido das palavras.

Rocha Lima, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (1983), converge com Câmara Jr. (1968), ao afirmar que a denotação e a conotação se combinam para compor a significação integral da palavra. Enquanto a denotação diz respeito à função representativa da linguagem, a conotação está relacionada à parte da significação da palavra capaz de funcionar como exteriorização psíquica ou apelo.

Para exemplificar a estreita relação existente entre denotação e conotação, Rocha Lima (1983) utiliza-se da palavra *madrasta* que, em sentido denotativo, significa “mulher casada, em relação aos filhos que o marido teve de casamento anterior”. Entretanto, como ressalta o autor, em certos contextos essa mesma palavra pode apresentar uma “sensível conotação de repulsa afetiva”.

É interessante observar que esse gramático aborda, ainda, a disposição das acepções de um verbete nos dicionários. Conforme destaca, “logo após a definição principal (que é sempre denotativa)” encontra-se a definição conotativa.

Othon M. Garcia em *Comunicação em prosa moderna* (1986), retoma essa constatação ao declarar que num mesmo dicionário são registrados os dois sentidos, denotativo e conotativo, de cada verbete, como é o caso, por exemplo, da palavra *ouro*, que em sua primeira acepção refere-se ao metal amarelo, brilhante, pesado e dúctil; e em outras acepções, de caráter conotativo, remete à “riqueza, opulência, grande estima, grande valor, ostentação, avareza e adorno”. Essa abordagem é inovadora se comparada ao conceito de denotação trazido por alguns autores, como é o caso de Ernani Terra (2002), José de Nicola e Ulisses Infante (2004) que declaram que o sentido denotativo da palavra é aquele registrado pelos dicionários, sendo independente do contexto.

Francisco da Silva Borba, em *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* (1976), atesta que a denotação é a significação bá-

## LÉXICO E SEMÂNTICA

sica assumida por uma palavra, independentemente do contexto. Essa concepção, também é dada pelo teórico John Lyons (1977, p. 171) que considera a denotação como “uma relação que se aplica aos lemas e é válida independentemente das ocasiões de enunciação particulares”. Uma definição similar pode ser encontrada no *Dictionnaire de Linguistique* (2001), que define a denotação como “o elemento estável, não subjetivo e analisável fora do discurso”.

Vale registrar que existem palavras e expressões que mesmo inseridas em contextos frásticos, transmitem dúvidas quanto ao sentido. Assim, há necessidade de recorrermos ao contexto situacional para que sejam esclarecidas as intenções comunicativas do falante. É o que ocorre no seguinte exemplo, apresentado por José de Nicola e Ulisses Infante (2004, p. 431-432):

*João quebrou a cara.*

O sentido dessa oração somente será identificado no momento da enunciação, uma vez que ela oferece duas possibilidades de interpretação: João quebrou o rosto/face, e João não foi bem sucedido em determinada situação.

O exemplo acima, demonstra como os fenômenos da denotação e da conotação estão intrinsecamente ligados e, juntos, colaboram para a formação de sentidos de uma palavra. Retoma-se, portanto, a afirmação de Câmara Jr., de que “a denotação se distingue da conotação e com ela se combina para dar a significação integral da forma”.

Quanto à conotação, Borba (1976) a define como o “conjunto de associações que a palavra desperta em várias direções”, como acontece no exemplo “Casa é casa”, em que a primeira ocorrência do vocábulo se dá em sentido denotativo, enquanto a segunda tem uma nota a mais de “apreciação, aconchego”.

Nesse mesmo sentido, o filólogo e dicionarista Antônio Houaiss (2004) descreve a conotação como algo sugerido ou implicado por uma palavra, passando essa a ter seu significado ampliado. Em consonância com ambos os autores, Othon M. Garcia (1986, p. 162) afirma que, no plano conotativo, a palavra evoca ou sugere, por associação, outra(s) idéia(s) de ordem abstrata, de natureza afetiva ou emocional. O teórico acrescenta, ainda, que a “conotação implica

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

em[...] um certo grau de afetividade, que varia conforme a experiência, o temperamento, a sensibilidade, a cultura e os hábitos do falante ou ouvinte, do autor ou leitor”.

Ilari (2004, p. 41) considera que o uso de determinadas palavras e expressões, além de descrever as realidades de que se fala, cria uma representação do falante, do ouvinte e da interação verbal. Em relação aos aspectos da cultura e hábitos do falante, o mesmo autor ressalta que a procedência daquele pode ser identificada pela escolha das palavras utilizadas na classificação de eventos e objetos:

a) *A lanterna vai custar no mínimo dois mil reais.*

b) *É verdade, a funilaria vai sair cara!*

Nesse diálogo, as palavras *lanterna* e *funilaria* fazem referência ao mesmo conserto, porém, identificam os falantes como carioca e paulista, respectivamente. Ilari (2004) menciona, também, a possibilidade de identificar a faixa etária, a profissão e as condições sociais de quem fala, de acordo com a sua seleção lexical. Além de salientar a importância da escolha do material lingüístico pelo falante conforme a representação que ele faz do seu interlocutor ou até mesmo do assunto a ser tratado. Assim, essa escolha nos remete ao uso de

[...] diferentes pronomes e expressões de tratamento; de expressões que indicam proximidade (camaradagem, amizade, etc.) ou distância (formalidade, frieza, etc.); de diferentes gêneros de fala e escrita (ofício x bilhete); de diferentes níveis de língua (linguagem literária, linguagem padrão, linguagem familiar, jargão próprio de uma profissão ou atividade, gíria, etc.). (Ilari, 2004, p. 42)

Em síntese, Ilari (2004) afirma que os dois sentidos, denotativo e conotativo, participam dos atos de fala e nem sempre se determina como facilidade onde um termina e o outro começa.

A gíria<sup>11</sup> é uma forma de linguagem que tem forte poder conotativo. Para ilustrar tal afirmação, tomamos como exemplo a letra da música, *Broto do jacaré*, escrita pelos compositores Roberto Car-

---

<sup>11</sup> [...] Linguagem que, nascida em certo grupo social, termina estabelecendo-se à linguagem familiar. (Ferreira, 2005).

## LÉXICO E SEMÂNTICA

los e Erasmo Carlos na década de 60, durante o movimento musical, *Jovem Guarda*:

Vinha deslizando na minha prancha sozinho  
E falei ao ver passar por mim um *brotinho*  
Que bonitinha ela é  
Deslizando num *jacaré*  
Ela me sorriu e uma coisa então  
Eu tinha que fazer para chamar atenção

Abri os braços e gritei bem alto  
Deslizando num *jacaré*  
Mas uma onda mais forte chegou  
E fora da prancha me atirou  
Quase que morro, quase me afoguei  
E quando voltei o broto não encontrei  
A minha prancha o vento para longe levou  
Bebi água salgada porque não dava pé  
Peguei a prancha mas não encontrei  
O *broto* do *jacaré*.

As gírias em destaque *brotinho* e *jacaré* conotam, respectivamente, garota bonita e onda do mar. Podemos afirmar que essas gírias, de bastante circulação na década de 60, atualmente estão em desuso. Essa composição é um recurso favorável para se trabalhar em sala de aula a denotação e a conotação.

Outro proveitoso exemplo é a seguinte música do cantor e compositor Wando:

*Fogo e Paixão*

Você é luz  
É raio, estrela e luar  
Manhã de sol  
Meu iaiá, meu ioiô  
Você é sim  
E nunca meu não  
Quando tão louca  
Me beija na boca  
Me ama no chão

Você é luz  
É raio, estrela e luar  
Manhã de sol  
Meu iaiá, meu ioiô  
Você é sim  
E nunca meu não

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Quando tão louca  
Me beija na boca  
Me ama no chão

Me suja de carmim  
Me põe na boca o mel  
Louca de amor, me chama de céu  
E quando sai de mim  
Leva meu coração  
Você é fogo, eu sou paixão.

O compositor utiliza-se de vários atributos para descrever a amada: “luz”, “raio”, “estrela”, “lunar”, etc. Percebemos, então, que o eu-lírico recorre a elementos da natureza; do campo afetivo (Meu i-aiaí, meu ioiô); além de fazer uso da antítese (Você é *sim*/ E nunca meu *não*) para conotar a parceria da mulher. Observamos, assim, que há na música um predomínio de metáforas.

Ilari (2004) simplifica o conceito de denotação, definindo-a como “o efeito de sentido pelo qual as palavras falam “neutramente” do mundo”. Semelhante classificação é dada por Celso Pedro Luft (2002), para quem a denotação refere-se à significação básica da palavra, abstraídas as associações individuais. Dessa forma, podemos afirmar que, para esse gramático, a denotação não leva em conta as intervenções subjetivas do falante.

Sacconi (1994) atribui à denotação a propriedade que uma palavra possui de “limitar-se a seu primeiro significado, aquele imediatamente sugerido pelo significante”. O autor apresenta exemplos em uso conotativo, conforme podemos observar abaixo:

Ela não teve *pé* de romper comigo. (pretexto)  
Em que *pé* está a sua empresa? (situação)  
O *pé* da estátua. (base)  
*Pé* de cana, *pé* de goiaba. (haste, caule)  
*Pé* de cama, *pé* da mesa, etc. (parte inferior)

Com base em exemplos dessa natureza, Sacconi (1994) define a conotação como a propriedade que uma palavra possui de ampliar-se no seu campo semântico, podendo adquirir outros significados de acordo com o contexto em que é empregada.

Ernani Terra (2002) sustenta que quando se deseja transmitir informações ou conceitos, é essencial a utilização de uma linguagem clara, que não dê margem a mais de uma interpretação, o que ocorre

## LÉXICO E SEMÂNTICA

com o uso das palavras em sentido denotativo. A mesma concepção é dada por Paschoalin e Spadoto (1996). Essa definição, entretanto, é contestável, uma vez que desconsideram o caráter polissêmico das palavras, conforme observado por Câmara Jr. (1968), para quem a denotação pressupõe a polissemia e se precisa no contexto.

Também é satisfatória a abordagem de Terra (2002), segundo o qual “a conotação caracteriza-se pela multiplicidade de interpretações. Está presente na poesia, no humor, no dia-a-dia. Nesse caso, o sentido das palavras é dado pelo contexto”, como se verifica no poema de Almir Correia, em *Poemas Malandrinhos* (São Paulo: Atual, 1992, p. 32), que o autor utiliza:

Não engavete o assunto  
senão ele morre sufocado

Quem gosta de gaveta  
é lenço  
toalha  
e deputado.

Quando o poeta diz “Não engavete o assunto/ senão ele morre sufocado”, não se deve entender a expressão *engavetar o assunto* em sentido literal, pois nota-se que o autor do poema tem a intenção de ironizar a atuação de políticos que recebem pedidos e projetos e os jogam no fundo da gaveta, de onde não saem mais, conforme explica Terra (2002).

Ainda no plano conotativo, Paschoalin e Spadoto (1996, p. 352-353) mencionam que “as palavras ganham significados afetivos, subjetivos, que mais sugerem do que informam”, como se constata nos exemplos seguintes:

a) *A minha alma partiu-se como um vaso vazio.* (Álvaro de Campos)

Na frase acima, Álvaro de Campos utiliza-se de uma comparação para atribuir à “minha alma” a característica de um objeto concreto capaz de se partir, daí a conotação.

b) *Os violões descem a rua, misturando a música e os passos nas pedras.* (Cecília Meireles)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Nesse verso, a palavra “violões”, em sentido conotativo, é usada para substituir “violonistas”. É interessante notar que ao instrumento musical são atribuídas características humanas. Duma relação metonímica, Cecília Meireles dá um tom poético à sua obra. Este exemplo demonstra que a conotação não se restringe à comparação e à metáfora, mas, sobretudo, está presente em todas as figuras de linguagem.

Mediante o exposto, podemos afirmar que é satisfatória a abordagem que considera os sentidos, denotativo e conotativo, intimamente ligados um ao outro para caracterizar o campo semântico de uma palavra ou expressão. Essas, só têm sentido comunicativo se inseridas em contextos situacionais e frásticos.

A criatividade da comunidade lingüística em fazer analogias, associações e até mesmo usar um mesmo vocábulo para descrever distintos eventos e objetos do mundo se deve à interação social. É importante lembrar que a conotação não é a criação de novas palavras ou expressões, mas sim a atribuição de um novo sentido às formas já existentes.

Se é da linguagem que emana o sentido, é a partir de mecanismos de linguagem que se constrói efeitos de sentido tanto de denotação quanto de conotação. Assim, a linguagem produz efeitos de sentido e não é reflexo das coisas. Tanto a denotação quanto a conotação são construções discursivas. (Lopes e Pietroforte, 2003, p. 125).

Retomando as palavras de Drummond, podemos aferir que seus versos fazem um convite ao sujeito-leitor para atentar-se aos diversos sentidos que uma palavra pode adquirir nos distintos contextos de uso da língua. Por fim, a utilização da epígrafe sintetiza a noção desses dois efeitos de sentido: a *denotação* corresponde à face neutra da palavra enquanto que a *conotação* refere-se às mil faces secretas que a palavra pode ter.

### REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1976.

## LÉXICO E SEMÂNTICA

CADORE, Luís Agostinho. *Curso prático de português*. 7ª ed. São Paulo: Ática.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática: referente à língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Lozon, 1968.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2005.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 13ª ed. ver. e at. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LOPES, I. V., PIETROFORTE, A. V. C. A semântica lexical. **In:** FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à lingüística*. v. II. São Paulo: Contexto, 2003, p. 111-135.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

LYONS, John. *Semântica-I*. Lisboa: Presença, 1977.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 11ª ed. São Paulo: Scipione, 1993.

PASCHOALIN, Maria Aparecida & SPADOTO, Neuza Terezinha. *Gramática: teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: Teoria e Prática*. 18ª ed. São Paulo: Atual, 1994.

TERRA, Ernani. *Português para todos*. São Paulo: Scipione, 2002.